

MINUTA CURRICULAR INTERCULTURAL INDÍGENA

**Sirlete Maria Bitencurt Frigheto
Joacir Marques Da Costa
Santa Maria/RS 2023**

**Sirlete Maria Bitencurt Frigheto
Joacir Marques Da Costa**

**MINUTA CURRICULAR
INTERCULTURAL INDÍGENA**

**Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria/RS 2023**

SUMÁRIO

I	DE ONDE PARTIMOS	04
II	A ESCOLA	07
III	CONCEITOS INICIAIS	10
	Interculturalidade	11
	Cultura em Fronteira	12
	Hibridismo Cultural	13
	Alteridade	14
	Estes conceitos nos possibilitaram perceber que	15
IV	A MINUTA	16
	O que é ?	17
	A metodologia	18
	Do Ateliê Nhemombe'ú ao Diário Expandido....	20
V	PROPOSTA CURRICULAR INTERCULTURAL	21
VI	NÃO É O FIM	24
	REFERÊNCIAS	26




I
DE ONDE
PARTIMOS

As tentativas de apagamento dos territórios, saberes e culturas dos povos originários do Brasil tem sido presenciada constantemente nas últimas décadas. Mesmo após mais de 500 anos de tentativas de aculturação dos povos indígenas eles resistiram, lutaram e sobreviveram preservando suas características próprias. Este povo não é apenas uma imagem de resistência do passado, ele é uma população presente que fará parte do futuro.

A educação escolar indígena passa a ser redesenhada a partir da Constituição Federal de 1988, quando estes povos deixam de ser tutelados pelo Estado e passam a ser reconhecidos como cidadãos brasileiros com direitos e deveres, tendo garantido seus processos educativos valorizando a sua língua, sua crença e sua cultura.

Não basta ter escola nas aldeias, tem de ser garantido o direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue e comunitária que reconheça seus saberes e culturas, que venha a propiciar condições para que sejam repensadas políticas educativas próprias às comunidades indígenas.





Um dos grandes desafios para a organização curricular indígena é estabelecer uma relação com o processo de educação destes povos, respeitando seus saberes e sua organização temporal associado a educação escolar.

Nas reuniões pedagógicas da EEEIEF Yvyra'ijá Tenondé Verá Miri, da aldeia Guaviraty Porã de Santa Maria – RS, com professores indígenas e não indígenas, emerge a ideia de rearticulação curricular intercultural para esta comunidade, contemplando as necessidades da *tekoa*¹ e as prerrogativa das políticas educativas. Assim, emerge a pesquisa que tem como título principal “JAJAPO JAVY TAPE NHEMBO’EA (Construindo os caminhos da escola), que pergunta: como é possível rabiscar uma proposta curricular intercultural de modo que a comunidade Guarani de Santa Maria – RS investigue seus processos de escolarização?

A construção desta Proposta Curricular Intercultural foi um meio para a comunidade repensar quais os saberes são preponderantes a um currículo escolar e de que modo os mesmos podem ser re/articulados em contextos de escolarização.

Outras comunidades enfrentam desafios semelhantes sobre a organização curricular, assim pensou-se na organização de uma Minuta Curricular para ser entregue a SEDUC, Secretaria Estadual de Educação – RS, em que a mesma pudesse possibilitar repensar políticas públicas próprias para a educação escolar indígena. E que sirva de ponto de partida para outras comunidades re/pensar seus processos próprios de escolarização.

¹ Tekoa: palavra que em guarani significa *comunidade*.



II

A ESCOLA



No ano de 2012, 8 famílias guarani mbya, que viviam às margens da rodovia BR 392, foram realocados para a localidade do Distrito Agroindustrial, zona rural do município de Santa Maria, RS. Lá constituíram a aldeia Guaviraty Porã, tomando posse da tão sonhada terra. Depois de alocados, iniciou-se a luta por garantir o direito à educação de qualidade. E assim nasce a escola na aldeia.

A Escola iniciou, os trâmites legais ainda em 2011, com o nome de Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental **José Ignácio Arahuby**, o qual permaneceu até o dia 28 de junho de 2012, quando a comunidade quis homenagear o líder espiritual de sua comunidade, **Yvyra'ijá Tenondé Verá Miri**, atual nome da escola.

A escola foi criada em caráter emergencial, conforme Decreto de Criação Nº 49.987 de 26/12/2012, estando vinculada a outra escola até que seu processo de deliberação e credenciamento fosse concluído.

Em 21 de junho de 2019, foi concluído o processo de Deliberação nº 373/2019, Processo SE nº 16/1900-0034874-0, para o funcionamento das

etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), e a modalidade EJA (anos iniciais e finais), além da aprovação do regimento escolar.

No final do ano de 2019 a comunidade pediu a implementação, em caráter emergencial, da etapa de Ensino Médio e em 16 de junho de 2020, a escola obteve autorização para iniciar o atendimento. No entanto, essa etapa de escolaridade está vinculada, como anexo, à EEEM Princesa Isabel.

No dia 17 de novembro de 2022 foi publicado no Diário Oficial do Estado, nº 219, página 62, Deliberação nº 693/2022, Processo nº 22/1900-0016367-0, transformando a escola de Ensino Fundamental em Escola de Educação Básica. A escola passa a se chamar agora Escola Estadual Indígena de Educação Básica Yvira'ijá Tenondé Verá Miri, passando a atender as seguintes etapas e modalidades da Educação Básica: Ed. Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), Educação de Jovens e Adultos (alfabetização e anos finais), Ensino Médio Regular.





III

CONCEITOS INICIAIS

Interculturalidade

O termo interculturalidade segundo Candau e Russo (2010), aparece na América Latina no contexto educacional da educação escolar indígena, que se torna um campo fértil efetivando um diálogo entre nas relações interculturais que possibilitam pensar um currículo para esta escola.

Pensar a interculturalidade nas escolas indígenas, onde, em um primeiro momento, a língua foi utilizada como forma de colonização e dominação, o bilinguismo abre espaço para discursos mais amplos, onde a perspectiva intercultural pressiona o modelo escolar clássico para incluir não apenas diferentes línguas, mas, sobretudo, diferentes culturas.

[...]mais do que um simples conceito de inter-relação, a interculturalidade assinala e significa processos de construção de conhecimentos 'outros', de uma prática política 'outra', de um poder social 'outro', e de uma sociedade 'outra', formas diferentes de pensar e atuar em relação e contra a modernidade/colonialidade, um paradigma que é pensado através da prática política (WALSH, 2006, p. 21).



Fonte: arquivo da escola
Produção de erva mate na escola como orientação dos sábios da *tekoa* e da ASCAR/EMATER - Santa Maria - RS.

Cultura em fronteira

A escola pode ser uma janela aberta para novos horizontes que nos permita enxergar coisas dos mais variados ângulos. É nesse sentido que as escolas indígenas podem ser consideradas como espaços de fronteiras, entendidos como espaço de trânsito, articulação e troca de conhecimentos, assim como espaços de incompreensões e de redefinições das identidades dos grupos envolvidos nesse processo de indígenas e não indígenas (TASSINARI, 2001).

A educação escolar indígena precisa/deve ser pensada como um espaço de fronteira com existência de limites políticos filosóficos e culturais decorrentes da história dos processos educacionais com o envolvimento da comunidade. Como nos mostra Antonella Tassinari

A escola indígena em situações intersticiais sugiro ser fértil considerá-la teoricamente como fronteira o que pode ser extremamente útil para compreender melhor seu funcionamento suas dificuldades e os impasses provocados pelas propostas e educação diferenciada (2001, p.47)



Fonte: Arquivo da escola
Aula de Tecnologia digital

Hibridismo cultural

Estudos recentes evidenciam a abertura de uma perspectiva epistemológica que aponta para a compreensão do hibridismo e da ambivalência, que constituem as identidades e relações interculturais (FLEURI, 2002). O hibridismo cultural pode ser considerado um acontecimento histórico e social, que existe desde a criação da sociedade humana e suas diversas interações comerciais, de dominação e exploração iniciaram este processo.

Muitas palavras utilizadas hoje pelas comunidades indígenas, não possuem tradução em sua língua, e por isso são utilizadas como empréstimos linguísticos. Este empréstimo uma das características para discutirmos o hibridismo cultural na cultura Guarani Mbya. Práticas híbridas podem ser identificadas na religião, na música, na linguagem, no esporte, nas festividades e alhures, onde nenhuma cultura é ilha neste mundo (BURKE, 2003). Exemplo desta situação é o vocabulário gaudério utilizado no Rio Grande do Sul, palavras como piá, taquara, guampa, puxirão, entre outras.

Estes empréstimos no vocabulário evidenciam a produção de uma cultura de fronteiras, onde uma cultura insere-se a outra sem tomar o espaço e valor no meio em que está evidenciada. Onde aos poucos essa cultura vai se recriando tomando outras formas e detalhes que antes não existia, criando uma “nova”, mas não diferente cultura.



Fonte: arquivo da escola
Leitura do presépio cristão realizada pelos alunos e professores do 4º e 5º ano do ensino fundamental.

Alteridade

A alteridade, é entendida aqui, como a liberdade de constituir-se em sua essência, individual ou comunitária, onde cada povo indígena projeta e deseja o que quer para si mesmo. Ela pode confundir-se em alguns momentos com a constituição da pessoa, com a sua construção e do ideal desejado.

Entre as comunidades indígenas a alteridade é como uma filosofia de vida, onde um dos principais métodos nas ações pedagógicas, pode ser considerado a participação da comunidade. Esta ação pedagogia não é uma descoberta ocidental oferecida aos povos indígenas, e sim uma ação Indígena que pode ser utilizada pela sociedade ocidental (MELIA, 2016). Possibilitando assim, uma ação pedagogia que manterá suas diferenças e poderá contribuir para um mundo mais humano valorizando as relações interculturais.



Fonte: acervo da escola
Auto retrato da turma de 4º e 5º ano realizado na aula de Artes da Cultura Guarani.

Estes conceitos nos possibilitaram perceber que...

A escola indígena ainda está encontrando seu caminho junto às comunidades e o modo de ser dos povos originários. Desenvolver uma proposta de currículo para educação escolar indígena, que valorize a liberdade destes povos em constituir-se na sua essência, num processo de alteridade, exige a participação de todos os envolvidos no processo, principalmente da comunidade. De modo onde a interculturalidade venha a viabilizar discursos que evidenciam o espaço de apagamentos valorando questões de justiça cultural, permitido novos caminhos para essas populações. Respeitando e reconhecendo as descobertas na produção de conhecimentos e no contrato entre culturas que tornam as fronteiras maleáveis, no momento em que estes povos rememoram, revitalizam e incorporam novos sentidos as suas vivências sem abandonar sua essência.





IV
A MINUTA

O que é...

A presente Minuta Curricular é fruto de uma investigação com o objetivo de rabiscar uma Proposta Curricular Intercultural com e para a comunidade Guarani Mbya de Santa Maria – RS/Brasil, de modo que esta seja protagonista na investigação de seus processos de escolarização. A primeira experiência a se concretizar foi a organização da proposta curricular para o Ensino Médio, que se materializou em uma Trilha Formativa Indígena para o Novo Ensino Médio Gaúcho.

Esta Minuta é dedicada a comunidade escolar da EEIEF Yvira'ijá Tenndé Verá Miri de Santa Maria - RS, na *tekoa* Guavuraty Porã, da etnia Guarani Mbya. E que ela possa servir de ponto de partida para que outras comunidades indígenas venham a re/pensar seus modos de escolarização.



Fonte: acervo da autora
Conversa no pátio para organização de uma trilha.

maram a comunidade Guarani Mbya de uma organização curricular própria. Visando compartilhar as aprendizagens e possibilidades de se pensar esta organização curricular evidenciando o trabalho de colaboração e estudo da tekoa e da comunidade da escolar para que realmente a educação escolar indígena seja promovida com respeito, qualidade e equidade.

Finalidade

A intencionalidade desta Minuta foi desenvolver um estudo na EEIEF Vyra'ijá Tenondé Verá Miri, em contexto da Aldeia Guarani Mbya Guaviraty Porã de Santa Maria, onde foram reinterpretadas políticas educativas endereçadas às comunidades indígenas, possibilitando a criação de alternativas que aproxi-



Fonte: acervo da escola
Aula de Valores da Cultura Guarani.

O movimento metodológico desta pesquisa, aplicada e implicada, tem inspiração no Método Indutivo Intercultural (MII), desenvolvido por Jorge Gasché, Antropólogo e linguista. Esse método valoriza e considera os conhecimentos e relações das comunidades indígenas, onde o calendário sociocultural/socionatural do povo Guarani Mbya é o grande orientador. Tal MII aborda propostas teóricas, epistemológicas, políticas e pedagógicas que perpassas as práticas sociais indígenas, recursos para que se concretize uma educação escolar indígena diferenciada e intercultural.

Para organizar a materialização da Minuta constitui-se o Ateliê Nhemombe'u (narrar/contar), pensado como metodologia para possibilitar uma liberdade entre os participantes da pesquisa. Na metodologia do Ateliê Nhemombe'u não há uma forma condicionada de ordenamento, não possuindo uma forma única e linear possibilitando um discurso criativo entre os envolvidos.



Fonte: acervo da autora
Encontro do Ateliê *Nhemombe'u* (Ateliê de narrativas) para pensar a organização escolar indígena da comunidade.

Do Ateliê Nhemombe'ú nasce o Diário Expandido....

... para registrar os conhecimentos evidenciados nas narrativas do Ateliê *Nhemombe'ú*, evidenciando o que da cultura Guarani Mbya é pertinente a ser desenvolvido na educação escolar indígena. Nestes encontros foram produzidos dados para a pesquisa, registrados e separados, respeitando o calendário socionatural/sociocultural da comunidade, dividido em ano novo/tempo novo (*arapyau*²) e ano velho/tempo velho (*ara ymã*³), onde todos/as anotaram sobre o que foi pensado e discutido nos encontros.



Fonte: acervo da autora
Primeira apresentação do Diário Expandido a comunidade escolar.


Dito isto, construiu-se uma minuta de proposta curricular na dimensão de uma educação pensada “com” a comunidade indígena e não “para” a comunidade. Assim, compreende-se que a perspectiva da interculturalidade pode fundamentar práticas curriculares, sendo estratégia político-pedagógica em constante disputa e assimilação por parte da comunidade, não sendo um simples conceito de inter-relação, mas uma significação de “uma prática política ‘outra’, de um poder social ‘outro’, e de uma sociedade ‘outra’, formas diferentes de pensar e atuar em relação e contra a modernidade/colonialidade”.

- ² Arapyau: palavra que em guarani mbya significa ano novo.
- ³ Ara ymã: termo que em guarani mbya significa ano velho.



V

**PROPOSTA
CURRICULAR
INTERCULTURAL**



Com base na proposta curricular desenvolvida com a comunidade para o Ensino Médio, mediante os ateliês, sugiro, de forma inicial, um modo de organização curricular para o Ensino Fundamental. Assim, além deste trabalho dissertativo ter se dado de modo implicado, ou seja, um produto (uma Trilha Formativa para o Ensino Médio) mediado ao compasso da pesquisa, também rabisco traços iniciais de uma proposta para o Ensino Fundamental. A seguir, apresento um desenho curricular para o Ensino Fundamental (exemplo 6º Ano), o qual certamente merece outros debates com a comunidade escolar e indígena.

SUGESTÃO DE ORGANIZAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR INTERCULTURAL

SÉRIE ANO	COMPONENTE CURRICULAR	UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE APRENDIZAGEM/ BNCC/RCG	OBJETO DE APRENDIZAGEM/ CULTURA GUARANI MBYA	HABILIDADES BA BNCC E RCG ASSOCIADAS AOS SABERES GUARANI MBYA	Nº DE AULAS
6º	História	História: tempo, espaço e formas de registros	<p>1. A questão do tempo, sincronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias;</p> <p>2. Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico;</p> <p>3. As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização</p>	<p>1. A divisão do tempo Guarani Mbya, como o tempo é contado e dividido;</p> <p>2. A importância da escuta e atenção para o registro oral dos acontecimentos e ensinamentos;</p> <p>3. O surgimento do ser guarani e sua constituição junto a natureza;</p>	<p>1. Reconhecer diferentes noções de contagem de tempo (continuidades e rupturas) e que a forma não indígena é apenas uma dentre muitas, concluindo que todos somos sujeitos da História.</p> <p>2. Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar as formas de registro em sociedades (primitivas e indígenas) em épocas distintas.</p> <p>Conhecer e identificar diferentes formas de fontes históricas, aprendendo a analisar e desenvolvendo um olhar crítico sobre os fatos históricos através da pesquisa.</p> <p>3. Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação nas comunidades indígenas e não indígenas.</p> <p>Comparar as semelhanças e as diferenças entre as teorias científicas evolucionista e as teorias criacionistas indígenas, em especial a dopovo guarani mbya.</p>	6



6

NÃO É O FIM

Este trabalho possibilitou desenhar novos entrelaçamentos conceituais entre a comunidade indígena Guaviraty Porã e a comunidade escolar Yvyra'ijá Tenondé Verá Miri, mostrando que não podemos ter uma visão limitada e estanque sobre cultura e educação, que estes são conceitos que se fundem, como na trama da *ajaka*⁴, mostrando como devemos valorizar o tempo e a escuta, para conseguirmos compreender o processo das relações interculturais, híbridas e fronteiriças de cultura, para chegarmos a produção final do produto. Onde a escola indígena possa ser compreendida como um espaço de fronteira, de trânsito, articulação e troca de conhecimentos (TASSINARI, 2001).

Espera-se que esta Minuta venha a possibilitar e instrumentalizar ações para repensar políticas públicas endereçadas às comunidades indígenas, servindo de ponto de partida para que outras *tekoas* e escolas indígenas se permitam a re/pensar a sua organização curricular.

⁴ Ajaka: palavra que em guarani mbya significa cesta, um tipo de artesanato realizado por este povo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto: **Diretrizes para a Política Nacional das Escolas Indígenas**. Brasília: MEC: SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução – Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS. 6ª ed. Editora UNISINOS, 2019.

CEED. **Resolução nº 345, de 12 de dezembro de 2018**. Institui e orienta a implementação do Referencial Curricular Gaúcho (RCG). Conselho Estadual de Educação. Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CEEDRS_20181219130446resolucao0345.pdf.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. **Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa**. Ver. Diálogo Educ., Curitiba, v.10, n.29, p.151-169. Jan./abril. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3076>.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural: a construção da identidade e da diferença nos movimentos sociais**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v.20, n.02, p.405-423, jul/dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10410/10007>

MELIÁ, Bartolomeu. **Educação indígena e Alfabetização**. Coleção “Missão Aberta”. São Paulo. Edições Loyola. 1979.

TASSINARI, Antonella. Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In. DA SILVA. Aracy e FERREIRA, Mariana. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo, Global, 2001.

WALSH, C. **Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial**. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas (RFDP). V. 5, N. 1. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002> Ofício nº 01138.002.231/2022-0007



PPPG

Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Gestão Educacional



RIZOMA
POLÍTICAS, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO



Produto educacional do Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em
Políticas Públicas e Gestão Educacional, Linha de Pesquisa Políticas Públicas e
Gestão de Educação Básica e Superior do Centro de Educação – UFSM

sirletemaria04@gmail.com

NUP: 23081.063447/2023-37

Prioridade: Normal

Ato de entrega de dissertação/tese

134.334 - Dissertação e tese

COMPONENTE

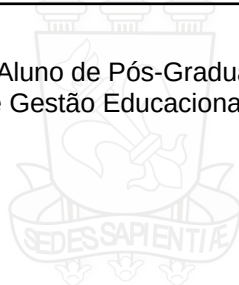
Ordem	Descrição	Nome do arquivo
5	Cópia do Produto	Minuta Curricular Intercultural ajustada1.pdf

Assinaturas

08/05/2023 22:00:50

SIRLETE MARIA BITENCURT FRIGHETO (Aluno de Pós-Graduação)

05.10.20.02.0.0 - PG em Políticas Públicas e Gestão Educacional - Mestrado Profissional - 42002010159F0



1960



1960

Código Verificador: 2719746

Código CRC: f31bce36

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

